

PEDAGOGIA DO ESPORTE, PROMOÇÃO DA SAÚDE E EDUCAÇÃO FÍSICA: REVISÃO DA LITERATURA ENTRE 1990 E 2012.

Sport's pedagogy, health promotion and Physical Education: literature review (from 1990 to 2012)

Alessandro Demel Lotti¹
Rogério Cruz de Oliveira¹

¹Universidade Federal de
São Paulo- Campus Baixada
Santista
Departamento de Ciências do
Movimento Humano
Curso de Educação Física

LOTTI, Alessandro Demel e OLIVEIRA, Rogério Cruz. Pedagogia do esporte, promoção da saúde e educação física: revisão da literatura entre 1990 e 2012. *SALUSVITA*, Bauru, v. 35, n. 2, p. 279-298, 2016.

RESUMO

O objetivo do trabalho consiste em compreender as relações existentes entre os campos da pedagogia do esporte e promoção da saúde na literatura científica da Educação Física brasileira. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, tendo abrangido periódicos nacionais do sistema Qualis Capes da Educação Física. Como resultado, observou-se a carência de estudos que discutem a temática da promoção da saúde no campo esportivo e vice-versa. Apesar disso, autonomia e humanização foram temas comuns em todos os artigos analisados. Conclui-se que existe uma relação latente entre os campos da pedagogia do esporte e a promoção da saúde que, se em futuros estudos, for mais amplamente explorada, permitirá maior clareza sobre o binômio esporte e saúde.

Palavras-chave: Esportes. Educação Física. Promoção da Saúde.

Recebido em: 20/04/2016
Aceito em: 03/07/2016

ABSTRACT

The aim of this paper is to comprehend the relation between the sport pedagogy area and the health promotion on the Brazilian Physical Education Scientific Literature. For this, a bibliographic research was performed, and covered national periodicals from Qualis Capes system of Physical Education area. As a result, it was observed the shortage of studies discussing themes related to health promotion in sports fields and vice versa. Besides that, autonomy and humanization were also common themes in all articles analyzed. We have concluded that there is a latent relation between sport pedagogy fields and health promotion. It will – as far as in further studies it becomes more explored – enable a clearer understanding regarding the binomial sports and health.

Keywords: *Sports. Physical Education and Training. Health Promotion.*

INTRODUÇÃO

Na atualidade, percebe-se uma grande movimentação da sociedade quanto à procura da prática de atividades esportivas - no sentido amplo de esporte que propõe Kunz (1994), para o qual andar de bicicleta, fazer caminhada, dançar etc. podem ser consideradas atividades esportivas, incluindo também o próprio esporte em sua dimensão mais restrita, como modalidade. “Quantas vezes já não ouvimos de pessoas que dizem que o seu ‘esporte’ é ir de bicicleta ao trabalho, dançar nos fins de semana ou caminhar na praia (sic)” (p.58). Os motivos são os mais variados possíveis, destacando-se os potenciais benefícios que essas práticas podem proporcionar à saúde. Entretanto, Barros, Barros e Santos (2011) pontuam que, apesar das indicações dos especialistas sobre as práticas corporais como estratégias para prevenção e promoção da saúde, um número expressivo de pessoas mantêm-se fisicamente inativas. Sobre esse ponto, alguns argumentos são válidos, principalmente no que se refere aos modelos vigentes de prática esportiva.

Verifica-se que o modelo do esporte profissional tem predominado em diversos cenários, haja vista sua marca inscrita na arquitetura urbana de praças e parques públicos, mediante a existência de quadras poliesportivas que reproduzem as demarcações oficiais das modalidades em questão. Sem mencionar a presença dessa mesma

LOTTI, Alessandro Demel e OLIVEIRA, Rogério Cruz. Pedagogia do esporte, promoção da saúde e educação física: revisão da literatura entre 1990 e 2012. *SALUSVITA*, Bauru, v. 35, n. 2, p. 279-298, 2016.

LOTTI, Alessandro
Demel e OLIVEIRA,
Rogério Cruz. Pedagogia
do esporte, promoção da
saúde e educação física:
revisão da literatura
entre 1990 e 2012.
SALUSVITA, Bauru, v. 35,
n. 2, p. 279-298, 2016.

marca no interior de escolas, clubes e outras instituições, direcionando, além do conteúdo a ser praticado, a forma como o mesmo deve acontecer (nos moldes “oficiais”) (FARIA, 2001; OLIVEIRA, 2001).

Outra questão pertinente é o ensino do esporte. A evolução do mesmo deu-se pelo progresso científico e tecnológico, juntamente com a expansão e avanço dos meios de comunicação de massa, em especial, a televisão (KUNZ, 1994). Segundo o autor, essa evolução contribuiu para que o movimento no esporte se tornasse repetitivo e mecânico. Consequentemente, aprender um esporte pode significar somente o domínio das técnicas do mesmo, implicando assim num ensino de certas gestualidades concernentes a cada modalidade específica.

Moisés (2006), que investigou o ensino da natação a partir das expectativas dos pais de alunos, considera a insatisfação com os métodos de ensino um importante determinante para o abandono da prática, pois não contemplam interesses e necessidades pessoais dos alunos. Nosso entendimento é de que, se a prática de atividade física possui potenciais benefícios à saúde, há necessidade de ampliar seu acesso e adesão. Dessa forma, consideramos pertinente que tais práticas não estejam desvinculadas de seus praticantes, o que significa dizer que é preciso incentivar o protagonismo por parte das pessoas nos processos de ensino-aprendizagem.

Para isso, o campo da pedagogia do esporte se mostra útil, uma vez que é responsável pelo estudo e desenvolvimento de metodologias adequadas para o ensino de atividades individuais e coletivas (SADI, 2008). Segundo o autor, tendo-se desenvolvido a partir das ciências da saúde e nas referências socioculturais, ao longo dos últimos anos, tal campo tem contribuído com o estudo e elaboração de intervenções pautadas na humanização¹ das práticas corporais. Dessa forma, acredita-se que o ensino do esporte, quando calcado nesses pressupostos, oferece melhores condições para adesão dos cidadãos às suas práticas e, consequentemente, ao ideário de promoção da saúde - na direção de Czeresnia (2003), para a qual é um processo mais amplo, não dirigido à doença, mas a transformação das condições de vida das pessoas.

Nesse íterim, a saúde deve ser considerada para além do conceito da Organização Mundial da Saúde (OMS), que a define como um estado de completo bem-estar físico, mental e social. Para Palma,

1 Na perspectiva do Ministério da Saúde, a humanização é entendida como uma política de valorização dos diferentes sujeitos, pautada pela autonomia, protagonismo e corresponsabilidade, visando vínculos solidários, construção de redes de cooperação e a participação coletiva (BRASIL, 2010).

Estevão e Bagrichevsky (2003), essa definição é insuficiente, pois não exprime o caráter dinâmico do processo de saúde. Para os autores, **a saúde está relacionada à história do indivíduo e à relação deste com a sociedade, ou, como** Minayo (1992), como uma resultante das condições de vida das pessoas.

Frente ao exposto, o objetivo deste estudo é compreender as relações entre os campos da pedagogia do esporte e promoção da saúde na literatura científica da Educação Física (EF) brasileira, compreendendo que tal investigação torna-se pertinente à medida que as atuais políticas de saúde têm enfatizado as práticas corporais como estratégias de promoção da saúde. Exemplo disso foi a alteração da lei 8.080/90, reguladora das ações e serviços de saúde, que, a partir de 2013, passou a compreender a atividade física (termo utilizado na Lei) como determinante e condicionante para a saúde (BRASIL, 1990). Dessa forma, entendemos que urge ampliar o olhar sobre a temática no contexto da saúde.

Neste sentido, aproximar os campos da pedagogia do esporte e da promoção da saúde pode contribuir com a ressignificação da relação entre o esporte e a saúde, que, no senso comum, sobrevive da máxima “Esporte é Saúde”, da qual, juntamente com Kunz (1994), consideramos insuficiente.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2008). A abordagem utilizada foi a qualitativa, na perspectiva de Minayo (1994).

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo e registrada sob o número 0163/12HE.

Coleta de dados

A coleta de dados consistiu na busca de artigos em periódicos nacionais que tinham política editorial de livre acesso aos manuscritos. Foram consultados os periódicos da área da EF (área 21) listados no sistema *Qualis* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) em todos os seus estratos: A1 a C. Cumprindo esses critérios foram consultados 255 periódicos.

As palavras-chave usadas na busca foram: “pedagogia *and* educação física”, “pedagogia *and* esporte”, “esporte *and* saúde” e “promo-

LOTTI, Alessandro Demel e OLIVEIRA, Rogério Cruz. Pedagogia do esporte, promoção da saúde e educação física: revisão da literatura entre 1990 e 2012. *SALUSVITA*, Bauru, v. 35, n. 2, p. 279-298, 2016.

LOTTI, Alessandro
Demel e OLIVEIRA,
Rogério Cruz. Pedagogia
do esporte, promoção da
saúde e educação física:
revisão da literatura
entre 1990 e 2012.
SALUSVITA, Bauru, v. 35,
n. 2, p. 279-298, 2016.

ção da saúde”. A busca cobriu publicações a partir de 1990, período em que as discussões pedagógicas na EF se consolidaram.

Para a seleção dos artigos consideramos os seguintes critérios:

- Diálogo com o campo da pedagogia;
- Relatos de experiência com o ensino de esportes;
- Intervenções em EF, esporte e saúde.

Essa etapa se desenvolveu em três fases. Na 1ª fase, utilizando os descritores, encontramos 1877 artigos nos 255 periódicos. Tendo sido aplicado os 3 critérios acima aos títulos dos trabalhos (2ª fase) foram selecionados 39 artigos. Na 3ª fase, os critérios foram aplicados à leitura dos resumos, resultando em 27 artigos que compuseram esse estudo e foram lidos na íntegra².

Análise de dados

Considerando que, de acordo com Marconi e Lakatos (2010), a interpretação dos dados consiste numa atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo às respostas, optou-se pelas categorias não-apriorísticas como forma de análise de dados.

De acordo com Campos (2004), tal procedimento permite que as categorias analíticas surjam após as respostas obtidas, exigindo do pesquisador o constante acesso ao material obtido.

Resultados e Discussão

A análise dos artigos possibilitou agrupá-los em 3 categorias temáticas:

- Práticas corporais e promoção da saúde (7 artigos);
- EF e pedagogia (4 artigos);
- Pedagogia do esporte: reflexões e intervenções (16 artigos).
- Tais categorias nos permitiram olhar os temas pedagogia, esporte e saúde sob diferentes perspectivas, que discorreremos a seguir.

2 Os dados foram coletados em agosto de 2012.

Práticas Corporais e Promoção da Saúde

Os artigos listados (Tabela 1) nesta categoria dialogam mais com as práticas corporais no geral do que com o esporte em particular, oferecendo direcionamentos em relação à saúde.

Tabela 1 - artigos analisados pela categoria “Práticas corporais e Promoção da Saúde”.

Autoria	Revista	Ano
Ferreira, Castiel e Cardoso	Ciência e Saúde coletiva	2011
Ferreira	Motriz	2009
Devide	Movimento	1996
Devide	Movimento	2002
Moretti et al.	Saúde e Sociedade	2009
Malta et al.	Epidemiologia e Serviços de Saúde	2009
Bacheladenski e Matiello Júnior	Ciência e Saúde coletiva	2010

Fonte: os próprios autores.

O ponto em comum foi a adoção de um referencial de saúde e promoção da saúde ampliada, os quais consideram o indivíduo em todas as suas dimensões, não somente em sua relação com a doença.

Referente à promoção da saúde, Ferreira, Castiel e Cardoso (2011) identificam duas diferentes abordagens: a “comportamentalista” e a “nova promoção da saúde”. A primeira baseia-se em vertentes reducionistas da epidemiologia e é direcionada para a mudança de comportamentos condizentes com os riscos epidemiológicos (FERREIRA, CASTIEL e CARDOSO, 2011). Ela caracteriza-se por descon-siderar os fatores socioculturais e ambientais, e também por respon-sabilizar os indivíduos pela manutenção de sua saúde (FERREIRA, CASTIEL e CARDOSO, 2011). Em contrapartida, os autores pontu-am que a “nova promoção da saúde” atenua a ênfase da abordagem comportamentalista e, apesar de também direcionar-se à mudança no estilo de vida, não culpabiliza as pessoas, pois considera os fato-res socioculturais e ambientais que interferem em seu cotidiano.

Já para Ferreira (2009), no que tange a adoção de um estilo de vida saudável, apenas a força de vontade não é suficiente, pois as prá-ticas sociais bem como as decisões humanas não acontecem somente de forma racional. Neste sentido a inatividade física deixaria de ser

LOTTI, Alessandro Demel e OLIVEIRA, Rogério Cruz. Pedagogia do esporte, promoção da saúde e educação física: revisão da literatura entre 1990 e 2012. *SALUSVITA*, Bauru, v. 35, n. 2, p. 279-298, 2016.

LOTTI, Alessandro
Demel e OLIVEIRA,
Rogério Cruz. Pedagogia
do esporte, promoção da
saúde e educação física:
revisão da literatura
entre 1990 e 2012.
SALUSVITA, Bauru, v. 35,
n. 2, p. 279-298, 2016.

responsabilidade do indivíduo, passando a ser consequência de uma série de fatores alheios à vontade da pessoa.

Entretanto, a saúde vista apenas sob o viés orgânico de aptidão física pode representar um reducionismo (DEVIDE, 1996; DEVIDE, 2002). Sendo assim entendemos que os ideais da “Nova Promoção da Saúde” são os que devem balizar a práxis dos profissionais que lidam com as atividades físicas/esportivas, em especial, o profissional de EF. Primeiro, por contribuir para transformações sociais considerando características que são únicas a cada indivíduo (FERREIRA, CASTIEL e CARDOSO, 2011). Segundo porque a perspectiva conservadora, apesar de ser amplamente difundida nos recursos midiáticos, reduz as estratégias de mudança de comportamento à diminuição de riscos epidemiológicos traduzindo-se em uma relação de causalidade (FERREIRA, CASTIEL e CARDOSO, 2011; DEVIDE, 1996).

Para Moretti *et al.* (2009) **é necessário criar-se espaços para trocas e construção de saberes coletivos, e assim habilitar as pessoas para a escolha de ações em prol de uma vida mais saudável. Dessa forma, uma atuação em saúde socialmente dirigida diminuiria o aparecimento de doenças crônicas e incapacidades, como uma consequência da diminuição de determinantes proporcionalmente à ampliação de acesso ao conhecimento de meios de ação** (MORETTI *et al.*, 2009). Assim, a promoção da saúde, uma das estratégias de produção social de saúde deve estar articulada e permear políticas públicas e tecnologias a serem implantadas, pressupondo a interação entre os diversos setores da sociedade (MORETTI *et al.*, 2009).

Nessa categoria, foram recorrentes os seguintes termos: empoderamento, autonomia e emancipação. Tais termos foram utilizados pelos autores referindo-se, principalmente, à necessidade de centralidade nos indivíduos para que as práticas corporais e as estratégias de promoção da saúde possam ser mais bem desenvolvidas. Fato considerado de extrema importância, pois denota mudança nos paradigmas das ações, contribuindo para despertar a consciência das pessoas em relação a seus direitos e responsabilidades, tanto individuais quanto coletivas, habilitando-as como agentes transformadores da realidade.

Para Ferreira, Castiel e Cardoso (2011), empoderamento e participação social constituem-se em direcionamentos principais para a “nova promoção da saúde”. Neste sentido, Moretti *et al.* (2009) apontam que a problematização e a criação de espaços de diálogo são importantes quando se pretende o enfrentamento individual e coletivo das dificuldades, sejam elas enfermidades, incapacidade ou relacionadas às questões socioambientais.

Assim, Malta *et al.* (2009) ressaltam que a promoção da Saúde não deve ser compreendida apenas como um conjunto de procedimentos para informar e capacitar indivíduos e organizações ou controlar determinantes das condições de saúde em grupos populacionais específicos. Para, além disso, ela deve manter e aumentar o potencial individual e social de escolha entre estilos de vida mais saudáveis, prevendo a integralidade no cuidado e criação de políticas públicas, mediante articulação intersetorial (MALTA *et al.*, 2009; BACHELANDENSKI e MATIELLO JÚNIOR, 2010). Sem mencionar a necessidade de também considerar os saberes prévios da população e as tradições locais (BACHELANDENSKI e MATIELLO JÚNIOR, 2010).

Para Deive (1996), a EF compromissada com a promoção da saúde deve fazer com que os alunos se exercitem, o que promoverá, além dos conhecimentos necessários à prática, a consciência de sua importância e de seus benefícios para o bem-estar. Assim, a EF deve possibilitar ainda que os alunos sejam capazes de identificar os fatores que os impeçam de praticar exercícios físicos regularmente (DEIVE, 1996). Isso não significa que a EF deva deixar de atuar na busca de outros objetivos, mas que haja um compromisso maior com tal ideário (DEIVE, 1996).

Assim, compreende-se que a EF, concebida neste estudo como área do conhecimento que estuda o movimento humano na perspectiva de sua participação/contribuição para a educação do homem (BRACHT, 2000), alicerçada pelos pressupostos da pedagogia do esporte, **é coerente com as práticas corporais que visam à promoção da saúde em seu conceito amplo. Ou seja, comungam o mesmo horizonte, o das intervenções mais humanizadas.**

Entretanto, para Westphal (2013, p.712), embasada em Pilzer e Kickbush (2002) e Payne (2003), esse ideário de promoção da saúde tem sido ameaçado pela “Revolução do Bem-Estar”, que consiste num movimento do setor privado para aumentar o consumo dos produtos considerados saudáveis. Associado a isso, vem a reboque o que Lovisolo (2006) denominou de modelo JUBESA: “[...] conjunto de crenças articuladas nos discursos sobre o valor da juventude, beleza e saúde” (p.159). Para o autor, tal modelo procura atender tanto as elites consumidoras quanto os consumidores populares.

Nesse sentido, entendemos que as advertências de Westphal (2013) e Lovisolo (2006) demonstram o risco que o ideário da promoção da saúde, comprometido com a **humanização e emancipação do ser humano** tem sofrido frente às demandas da modernidade.

LOTTI, Alessandro Demel e OLIVEIRA, Rogério Cruz. Pedagogia do esporte, promoção da saúde e educação física: revisão da literatura entre 1990 e 2012. *SALUSVITA*, Bauru, v. 35, n. 2, p. 279-298, 2016.

LOTTI, Alessandro
Demel e OLIVEIRA,
Rogério Cruz. Pedagogia
do esporte, promoção da
saúde e educação física:
revisão da literatura
entre 1990 e 2012.
SALUSVITA, Bauru, v. 35,
n. 2, p. 279-298, 2016.

EF e Pedagogia

Os artigos dessa categoria (Tabela 2) apresentam discussões conceituais sobre EF e intervenção pedagógica, além de relatarem experiências de intervenção. As temáticas abordadas pelos manuscritos revelam a importância das ciências humanas e sociais para a área de EF, que, de forma ímpar, contribuem para ações que estimulem o protagonismo nos indivíduos nos processos de ensino-aprendizagem.

Tabela 2 - artigos analisados pela categoria “EF e Pedagogia”.

Autoria	Revista	Ano
Carmo Júnior	Motriz	2011
Revista Brasileira de Ciências do		
Gerez et al.	Esporte	2007
Hirai e Cardoso	Movimento	2009
Correia, Miranda e		
Velardi	Movimento	2011

Fonte: os próprios autores.

Em relação à importância das ciências humanas e sociais no campo da EF, Carmo Júnior²⁸ afirma que há a necessidade de fortalecer os “vínculos interdisciplinares” com as ciências humanas, para que tenhamos uma visão mais ampla da área, da qual somente as disciplinas da perspectiva científica biológica são insuficientes para tal. Assim, percebe-se que não é possível compreender a EF em toda a sua complexidade sem a presença dos referenciais filosóficos e antropológicos.

Para Gerez *et al.* (2007), embasado em Carvalho (2001), ao olhar as pessoas apenas por parâmetros fisiológicos e antropométricos estamos reconhecendo-as como bonecos, afastando-se dos sujeitos como se eles fossem meros detalhes da intervenção. Além disso, tal perspectiva contribui para uma intervenção centrada no ativismo, traduzindo uma prática sem fundamento e voltada para simples ação (HIRAI e CARDOSO, 2009).

Dessa forma, afirma-se a necessidade de estruturar uma EF que seja baseada na subjetividade e nos saberes dos sujeitos, sendo esta direcionada às necessidades humanas (CORREIA, MIRANDA e VELARDI, 2011). Nessa esteira, as intervenções com práticas cor-

porais devem ocorrer de forma a estimular a autonomia e protagonização das pessoas (GEREZ *et al.*, 2007; CORREIA, MIRANDA e VELARDI, 2011). Autonomia, para os autores, mais que independência física, pode ser considerada uma experiência de liberdade.

Esses autores consideram que em intervenções com práticas corporais, os ganhos físicos não devem ser os únicos objetivos, e nem a prática deve ser reduzida a uma simples realização. Para, além disso, deve ter viés crítico e emancipatório, possibilitando um processo educativo que não se resume ao ato de depositar ideias, sendo o diálogo essencial para a construção coletiva de conhecimento (CORREIA, MIRANDA e VELARDI, 2011). Os autores ainda trazem questionamentos sobre como avançar o conhecimento na área da EF se é exigido apenas a repetição de movimentos, ou como conhecer mais a EF se não há a provocação à curiosidade, ou ainda como chegar à autonomia se tudo já foi pré-delimitado. O profissional de EF deve trabalhar na perspectiva de uma educação crítica, reflexiva e integrada, possibilitando às pessoas, em seu espaço, político e social, se desenvolverem junto com a sociedade e que esse desenvolvimento social seja acompanhado pela transformação social (CORREIA, MIRANDA e VELARDI, 2011).

Assim, para Gerez *et al.* (2007), as práticas corporais devem primar pela autonomia, sendo uma facilitadora do autocuidado e engajamento em ações coletivas, nas quais os indivíduos teriam condições de posicionarem criticamente frente à prática de atividade física.

Nessa perspectiva, Hirai e Cardoso (2009) apontam que a problematização é uma alternativa a esse desafio, uma vez que esta deve conduzir os alunos à busca de soluções e que isso deve ser feito de forma consciente, bem como partindo dos saberes prévios dos alunos. Neste mesmo sentido Correia, Miranda e Velardi (2011) consideram que uma EF problematizadora deve fazer frente ao imobilismo de pensamento, à reprodução do movimento e à disciplina do corpo, devendo preocupar-se com reflexões sobre as práticas corporais de forma dinâmica e contextualizada.

Diante do exposto, parece haver consenso sobre a necessidade de se trabalhar no horizonte da autonomia dos indivíduos nos processos que envolvem o ensino das práticas corporais. Para isso, é necessária uma formação e uma atuação que considere o indivíduo integralmente e não somente em sua dimensão biológica. É neste sentido que as ciências humanas e sociais assumem seu papel de importância: o de humanizar as intervenções e assumir tal debate no âmbito da formação inicial. Carvalho (2001), em artigo intitulado “Atividade física e saúde: onde está e quem é o ‘sujeito’ da relação?”, já apontava para essa dupla necessidade, pois, para a autora, geralmente o sujeito é caracterizado

LOTTI, Alessandro Demel e OLIVEIRA, Rogério Cruz. Pedagogia do esporte, promoção da saúde e educação física: revisão da literatura entre 1990 e 2012. *SALUSVITA*, Bauru, v. 35, n. 2, p. 279-298, 2016.

LOTTI, Alessandro
Demel e OLIVEIRA,
Rogério Cruz. Pedagogia
do esporte, promoção da
saúde e educação física:
revisão da literatura
entre 1990 e 2012.
SALUSVITA, Bauru, v. 35,
n. 2, p. 279-298, 2016.

[...] por uma ‘figura’ que muitas vezes não pensa, não sente, não exprime emoções, desejos, não carrega consigo sua própria história de vida. Frequentemente (sic) ele aparece escondido em um grupo de sedentários ou praticantes de atividade física [...] (p.10).

Pedagogia do esporte: reflexões e intervenções

Os artigos pertencentes a essa categoria (Tabela 3) apresentam aplicações práticas com a pedagogia do esporte, além de relatos de experiência e elaboração de propostas para o ensino do esporte e outras práticas corporais.

Tabela 3 - Artigos analisados pela categoria “Pedagogia do esporte: reflexões e intervenções”.

Autoria	Revista	Ano
Nascimento et al.	Motriz	2009
Vianna e Lovisollo	Motriz	2009
Souza e Baccin	Movimento	2009
Selau	Movimento	2000
Rodrigues e Darido	Movimento	2008
Darido e Farinha	Motriz	1995
Reverdito, Scaglia e Paes	Motriz	2009
Menezes	Motriz	2012
Revista Brasileira de Educação		
Rufino e Darido	Física e Esporte	2012
Ramos e Neves	Pensar a prática	2008
Leonardo, Scaglia e Reverdito	Motriz	2009
Castro, Giglio e Montagner	Motriz	2008
Collet, Donegá e Nascimento	Motriz	2009
Corrêa, Silva e Paroli	Motriz	2004
Marcassa	Pensar a prática	2004
Bertazolli, Alves e Amaral	Movimento	2008

Fonte: os próprios autores.

Dada à relação polimorfa que o esporte tem com a saúde, em que em alguns cenários carrega potenciais benefícios, mas que em outros tem grande tendência a produzir impacto negativo para a vida das pessoas, consideramos pertinentes os apontamentos que os estudos selecionados nesta categoria fazem para a área da EF em geral e da pedagogia do esporte em específico, do contexto da formação inicial à intervenção profissional. Neste sentido, são favoráveis à protagonização dos indivíduos no processo de ensino-aprendizagem.

Em relação à formação inicial, Nascimento *et al.* (2009) afirmaram que se faz necessária uma sólida formação didático-pedagógica baseada na teoria e na prática, com a finalidade de formar profissionais aptos a mediar uma aprendizagem que seja mais significativa para seus alunos. Tal preocupação pode ser entendida como um alerta para que o ensino em EF esteja mais próximo do contexto dos alunos, já como afirmou Daolio (1995, 2003 e 2004) em vários de seus trabalhos.

Segundo Viana e Lovisollo (2009), juntamente com o movimento renovador ocorrido na década de 80, surgiu um movimento de crítica ao ensino dos esportes na escola que pode ter contribuído para desvalorização da aprendizagem técnica e aprofundamento de conhecimentos esportivos. Entretanto, para Souza e Baccin (2009) o ensino da técnica esportiva deve ser mantido, pois as atividades corporais são históricas e aprimoradas conforme o refinamento das práticas sociais frente aos desafios advindos do sujeito e natureza.

Segundo Selau (2000), a literatura científica desde a década de 1970 prioriza o ensino técnico, o que tem marginalizado a atividade lúdica. O autor classifica movimento em simbólico (que proporciona prazer e alegria) ou técnico (carregado de expressões faciais de seriedade). Quando o componente simbólico acaba, termina-se o jogo, tornando-se exercício (SELAU, 2000). Assim, verifica-se que as metodologias de ensino tradicionais se desenvolvem pelo viés técnico suprimindo a dimensão simbólica.

Segundo Rodrigues e Darido (2008), as pedagogias críticas não buscam abolir o ensino das técnicas esportivas, mas sim ensiná-las dotadas de outros sentidos e finalidades, já que o movimento sem a subjetividade de quem realiza resulta em alienação. Portanto, a construção dos movimentos deve ser proveniente das suas vivências individuais e coletivas, dotada de sentido e significado.

Para Rodrigues e Darido (2008), o problema pode estar no fato de a EF, mesmo nos espaços destinados a aprendizagem, ter se apropriado não somente das técnicas esportivas, mas também de seus códigos, significados e objetivos do esporte profissional, como a exclusão e seleção. A aplicação de tal modelo em ambientes e fases

LOTTI, Alessandro Demel e OLIVEIRA, Rogério Cruz. Pedagogia do esporte, promoção da saúde e educação física: revisão da literatura entre 1990 e 2012. *SALUSVITA*, Bauru, v. 35, n. 2, p. 279-298, 2016.

LOTTI, Alessandro
Demel e OLIVEIRA,
Rogério Cruz. Pedagogia
do esporte, promoção da
saúde e educação física:
revisão da literatura
entre 1990 e 2012.
SALUSVITA, Bauru, v. 35,
n. 2, p. 279-298, 2016.

inadequadas traz efeitos negativos para os praticantes, como por exemplo, a especialização precoce (DARIDO e FARINHA, 1995).

Assim, a aprendizagem esportiva não deve centrar-se somente na técnica, primeiro porque a aprendizagem destes gestos demanda tempo e treinamento, segundo, porque alunos com diferentes culturas trazem diferentes demandas de movimentos (RODRIGUES e DARIDO, 2008). Neste sentido, Reverdito, Scaglia e Paes (2009) observam que a distância entre teoria e prática é um problema visto atualmente nas aulas de EF, conferindo-as um caráter empírico e instrumental. Para estes autores, a maioria dos estudos está voltado a metodologias do treino esportivo, sendo que poucos se relacionam à educação pelo esporte. Dada a diversidade de abordagens pedagógicas existentes, seria mais interessante conhecer suas características gerais e relacioná-las, do que simplesmente seguir uma específica de forma acrítica (REVERDITO, SCAGLIA e PAES, 2009).

Quanto aos esportes coletivos, Menezes (2012) afirma ser importante romper com o reducionismo e mecanicismo das abordagens tradicionais. Ensinando o esporte por meio da reprodução de situações de jogo, o autor acredita que existirá uma aproximação dos alunos com a aleatoriedade de um jogo real. Ao invés de se fragmentar rotinas no intuito de ensinar o esporte por meio de sequências pedagógicas esse tipo de abordagem consegue trabalhar outros conteúdos que vão além da técnica e tática simplesmente, formando jogadores com inteligência para tomadas de decisão frente às aleatoriedades do jogo (MENEZES, 2012).

Já em relação aos esportes individuais, Rufino e Darido (2012) verificam a existência de poucos estudos relacionados à pedagogia deste tipo de modalidade. A forte vinculação dos esportes com o rendimento acabou por deixar as questões educacionais para segundo plano (RUFINO e DARIDO, 2012). Nas lutas, por exemplo, existe um distanciamento entre alunos e professores nas aulas, em que o “mestre” é dotado da verdade absoluta, restando aos alunos copiar os movimentos (IDEM). De acordo com os mesmos autores, no ensino desse tipo de modalidade, deve-se priorizar os aspectos táticos no início, por serem mais agradáveis. Ainda em Rufino e Darido (2012), há a afirmação de que alunos que aprendem apenas gestos técnicos apresentam defasagens nos conhecimentos e apropriação dos aspectos táticos. Assim, a prática pedagógica deve ser voltada para quem faz o gesto, devendo estimular a emancipação, saber crítico e subjetivo, devendo levar a atitudes críticas (RUFINO e DARIDO, 2012).

Outro aspecto presente nesta categoria diz respeito à racionalidade no ensino dos esportes. Para Ramos e Neves (2008), tal premissa tem como norte o desenvolvimento de capacidades físicas,

aprimoramento de técnica e tática, modelo ideal de atleta a ser seguido, seleção e exclusão de crianças, campeonatos que reproduzem modelo profissional e competição como principal referência de avaliação. Tal ideário perpassa a ideia de que o treinamento esportivo é linear, bastando o professor selecionar e capacitar e as crianças restando o papel de se submeter (RAMOS e NEVES, 2008). Compreende-se que essa perspectiva pode convergir numa especialização esportiva precoce.

Muito além de apenas desenvolver capacidades motoras e habilidades técnicas e táticas, a pedagogia do esporte, primando pelos fenômenos complexos, trata o esporte infantil e a iniciação esportiva como sendo importantes, para se trabalhar cooperação, autonomia, desenvolver o gosto pelo esporte, lazer, aprender a competir e socializar-se, motivar-se, enfim equilibrando o que é racional e o que é sensível (RAMOS e NEVES, 2008). Neste sentido verifica-se se os benefícios de se possibilitar a experimentação de diferentes modalidades antes de se optar pela especialização em uma especificamente.

No intuito de contribuir com a não especialização precoce, alguns estudos procuram desenvolver metodologias alternativas, como, por exemplo, Ramos e Neves (2008), que versam sobre a possibilidade de iniciação esportiva por uma perspectiva mais lúdica utilizando os jogos. Para estes autores, baseando-se em jogos para a organização das práticas, os professores poderão ter uma maior clareza de que a atividade pensada como jogo será desenvolvida pelos seus alunos e não meramente executada como uma atividade qualquer, potencializando os objetivos de aprendizagem. Leonardo, Scaglia e Reverdito (2009) corroboram com esta perspectiva afirmando que tal abordagem proporciona uma aprendizagem mais prazerosa e significativa para os alunos.

Outro pressuposto apontado por Leonardo, Scaglia e Reverdito (2009), traduz-se no conceito de família dos jogos, em que as mesmas são compostas por modalidades que possuem características comuns entre si, como por exemplo, a presença de um alvo, usar as mãos ou invasão. Os autores partem do pressuposto de que os conteúdos aprendidos e desenvolvidos nestes jogos pré-desportivos poderão ser transferidos para modalidades esportivas da mesma família. Este tipo de abordagem permite vivências diversificadas, podendo o participante experimentar mais de uma modalidade na mesma aula (2009).

Nessa perspectiva, Castro, Gíglío e Montagner (2008), elucidaram uma metodologia para o ensino de Handebol para crianças de 9 a 12 anos. Em seu estudo os autores aplicaram jogos que tinham por característica objetivar a satisfação dos participantes tanto no que se

LOTTI, Alessandro Demel e OLIVEIRA, Rogério Cruz. Pedagogia do esporte, promoção da saúde e educação física: revisão da literatura entre 1990 e 2012. *SALUSVITA*, Bauru, v. 35, n. 2, p. 279-298, 2016.

LOTTI, Alessandro
Demel e OLIVEIRA,
Rogério Cruz. Pedagogia
do esporte, promoção da
saúde e educação física:
revisão da literatura
entre 1990 e 2012.
SALUSVITA, Bauru, v. 35,
n. 2, p. 279-298, 2016.

refere ao prazer pela prática como no aumento de conhecimentos referente a modalidade. Com esta metodologia, os autores vislumbram desenvolver tática e técnica de uma forma alternativa às tradicionais, sendo favorável ao reposicionamento da ênfase técnica em uma fase mais tardia.

O estudo de Collet, Donegá e Nascimento (2009) teve por objetivo avaliar a conduta dos técnicos quanto ao processo de ensino-aprendizagem. Este trabalho apontou que as metodologias utilizadas pelos técnicos que primavam pela melhoria da técnica e do desenvolvimento de aspectos táticos causaram maior envolvimento dos atletas (IDEM).

Já o trabalho de Corrêa, Silva e Paroli (2004) investigou os efeitos de diferentes métodos de treinamento em escolares praticantes de futebol de salão. Os autores verificaram que as metodologias que proviam maior liberdade aos alunos apresentaram melhores resultados.

Outros dois estudos se utilizaram da abordagem de aulas “Abertas as Experiências”, o primeiro em aulas de capoeira (BERTAZOLLI, ALVES e AMARAL, 2008) e o segundo em aulas de ginástica (MARCASSA, 2004). Ambos defendem a não utilização da técnica padrão nas aulas, com a finalidade de permitir que os alunos experimentassem as modalidades sem o compromisso com a técnica, podendo aprender e compreendê-las por meio de outras dimensões. Em Bertazzolli, Alves e Amaral (2008), há a descrição de que os alunos eram convidados a criar golpes e defesas para a capoeira de uma forma livre, o que resultou no final do programa em uma prática com características únicas dotadas dos conhecimentos e experiências prévias dos participantes - perspectiva essa também presente em Marcassa (2004). Ambos os trabalhos apresentam a experimentação de movimentos como facilitadora para o desenvolvimento da autonomia.

Em Selau (2000), que investigou o comportamento lúdico infantil das aulas de natação, verifica-se que essa liberdade para a criação de movimentos também produz benefícios para o ensino, permitindo maiores vivências no meio aquático, além de ampliar a capacidade criativa. O autor considera que uma aprendizagem técnica, ou mesmo recreativa com a finalidade de ensino técnico não tem um potencial para despertar alegria tão grande quanto às brincadeiras espontâneas (SELAU, 2000).

Ainda sobre atividades aquáticas, referente à postura profissional, o mesmo autor pontua que um professor acolhedor possibilita experiências mais agradáveis na água, pois o aumento do vínculo afetivo facilita o aprendizado. Essa proximidade permite maior sucesso no atendimento às demandas e necessidades trazidas pelas pessoas.

Em suma, percebe-se que a melhora no desempenho em atividades esportivas ocorre como consequência de um eficaz processo de ensino- aprendizagem que, além das capacidades físicas, leve ao aprimoramento de outros aspectos. Dessa forma, pode-se dizer que o empoderamento, por permitir a autonomia, está a serviço da promoção da saúde e, por consequência, também contribui com a melhora do rendimento, desenvolvendo inteligência e ampliando possibilidades de tomada de decisão - aspecto imprescindível na aprendizagem esportiva.

Assim, falar de uma pedagogia do esporte no contexto da promoção da saúde, requer, como afirmaram Meyer *et al.* (2006), a assunção de um caminho não definidor do comportamento das pessoas, mas de criação de oportunidades de reflexão crítica e interação dialógica entre sujeitos sociais. Ou seja, que os indivíduos sejam protagonistas de seu processo ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendeu-se que o diálogo entre pedagogia do esporte e promoção da saúde na literatura científica da EF brasileira se dá, predominantemente, pela convergência das temáticas autonomia e humanização. Dessa forma, pode-se inferir que esse tipo de abordagem resulta em participação ativa dos indivíduos, consequentemente com vivências mais significativas.

Assim, pode-se afirmar uma relação latente entre os campos da pedagogia do esporte e promoção da saúde, que, se explorada em futuros estudos pode trazer novas contribuições para a compreensão do binômio esporte-saúde. Da mesma forma, acreditamos que as considerações advindas da pedagogia do esporte possibilitarão vislumbrar a atuação profissional em EF em sua relação com a saúde sob novos olhares, principalmente na busca de superar as demandas mercadológicas da contemporaneidade.

LOTTI, Alessandro Demel e OLIVEIRA, Rogério Cruz. Pedagogia do esporte, promoção da saúde e educação física: revisão da literatura entre 1990 e 2012. *SALUSVITA*, Bauru, v. 35, n. 2, p. 279-298, 2016.

LOTTI, Alessandro
Demel e OLIVEIRA,
Rogério Cruz. Pedagogia
do esporte, promoção da
saúde e educação física:
revisão da literatura
entre 1990 e 2012.
SALUSVITA, Bauru, v. 35,
n. 2, p. 279-298, 2016.

REFERÊNCIAS

- BACHELANDENSKI, M. S.; MATIELLO JÚNIOR, E. Contribuições do campo crítico do lazer para a promoção da saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.15, n.5, p.2569-2579, 2010.
- BARROS, V. G. B.; BARROS, S. S. H.; SANTOS, C. M. Recomendações para prática de atividade física. In: FLORINDO, A. A.; HALLAL, P. C. (Orgs.). **Epidemiologia da Atividade Física**. São Paulo: Atheneu, 2011. p.27-38.
- BERTAZOLLI, B. F.; ALVES, D. A.; AMARAL, S. C. F. Uma Abordagem Pedagógica para a Capoeira. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 207-229, 2008.
- BRACHT, V. Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz. **Revista Brasileira de Ciências dos Esportes**, Porto Alegre, v.22, n.1, p.53-63, 2000.
- BRASIL. **Lei nº 8080**, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União, 20 set 1990.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Humaniza SUS**: Documento base para gestores e trabalhadores do SUS. 4.ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- CAMPOS, C.J.G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.57, n.5, p611-614, 2004.
- CARMO JÚNIOR, W. Educação Física e a Cultura da Prática. **Motriz**, Rio Claro, v.17, n.2, p.361-371, 2011.
- CARVALHO, Y. Atividade física e saúde: onde está e quem é o sujeito das relações?. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 22, n. 2, 2001.
- CASTRO, J. A.; GÍGLIO, S. S.; MONTAGNER, P. C. O jogo no ensino do handebol: proposta de um plano de ensino pensado para a prática diária. **Motriz**, Rio Claro, v.14, n.1, p.67-73, 2008.
- COLLET, C.; DONEGÁ, A. L.; NASCIMENTO, J. V. A organização pedagógica do treinamento do voleibol. Um estudo de casos em equipes mirins masculinas catarinenses. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 209-218, 2009.

CORRÊA, U. C.; SILVA, A. S.; PAROLI, R.; Efeitos de diferentes métodos de ensino na aprendizagem do futebol de salão. **Motriz**, Rio Claro, v. 10, n. 2, p. 79-88, 2004.

CORREIA, M. S.; MIRANDA, M. L. J.; VELARDI, M. A prática da educação física para idosos ancorada na pedagogia freireana: reflexões sobre uma experiência dialógica problematizadora. **Movimento**, Porto Alegre, v.17, n.4, p.281-297, 2011.

CZERESNIA, D.. O conceito de saúde a diferença entre prevenção e promoção. In: CZERESNIA, D. e FREITAS, C.M.F. (Orgs.). **Promoção da saúde, conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p.39-53.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

DAOLIO, J. **Cultura, educação física e futebol**. 2.ed. Campinas: Unicamp, 2003.

DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DARIDO, S. C.; FARINHA, F. K.; Especialização Precoce na natação e seus efeitos na idade adulta. **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 59-70, 1995.

DEVIDE, F. P. Educação Física E Saúde: em busca de uma reorientação para a sua práxis. **Movimento**, Porto Alegre, v.3, n.5, p. 44-55, 1996.

DEVIDE, F. P. Educação Física, Qualidade de Vida e Saúde: campos de intersecção e reflexões sobre a intervenção. **Movimento**, Porto Alegre, v.8, n.2, p. 77-84, 2002.

FARIA, E. L. O esporte nas aulas de educação física. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v.7, n.41, p.19-31, 2001.

FERREIRA, M. S. “Navegar é preciso, viver não é preciso”: risco no discurso da vida ativa. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.2, p.349-357, 2009.

FERREIRA, M. S.; CASTIEL, L. D.; CARDOSO, M. H. C. A. Atividade Física na Perspectiva da Nova Promoção da Saúde: contradições de um programa institucional. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, p.865-872, 2011.

GEREZ, A. G. et al. **A prática pedagógica e a organização didática dos conteúdos de educação física para idosos no projeto sênior para a via ativa da USJT: Uma experiência para a autonomia**. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.28, n. 2, p. 221-236, 2007.

LOTTI, Alessandro Demel e OLIVEIRA, Rogério Cruz. **Pedagogia do esporte, promoção da saúde e educação física: revisão da literatura entre 1990 e 2012**. **SALUSVITA**, Bauru, v. 35, n. 2, p. 279-298, 2016.

LOTTI, Alessandro
Demel e OLIVEIRA,
Rogério Cruz. Pedagogia
do esporte, promoção da
saúde e educação física:
revisão da literatura
entre 1990 e 2012.
SALUSVITA, Bauru, v. 35,
n. 2, p. 279-298, 2016.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HIRAI, R. T.; CARDOSO, C. L. Possibilidades para o Ensino Orientado na Problematisação: Para a Realização da Concepção de “Aulas Abertas às Experiências”. **Movimento**, Porto Alegre, v.15, n.1, p.99-116, 2009.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 236-246, 2009.

LOVISOLO, H. Em defesa do modelo JUBESA (juventude, beleza e saúde). In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Orgs.). **A saúde em debate na Educação Física** - volume 2. Blume-nau: Nova Letra, 2006. p.157-178.

MALTA, D. C. *et al.* A Política Nacional de Promoção da Saúde e a agenda da atividade física no contexto do SUS. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v.18, n.1, p.79-86, 2009.

MARCASSA, L. Metodologia do ensino da ginástica: Novos olhares, novas perspectivas. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 171-176, 2004.

MARCONI, M.A. e LAKATOS, E.M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MENEZES, R.P. Contribuições da concepção dos fenômenos complexos para o ensino dos esportes coletivos. **Motriz**, v.18, n.1, p.34-41, 2012.

MEYER, D.E.E. et al. “Você aprende. A gente ensina?”: interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. **Cadernos de Saúde Pública**, v.22, n.6, p.1335-1342, 2006.

MINAYO, M. C. S. **A saúde em estado de choque**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1992.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOISÉS, M. P.; Ensino da natação: Expectativas dos pais de alunos, **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v.5, n.2, p.65-74, 2006.

MORETTI, A. C. *et al.* Práticas Corporais/Atividade Física e Políticas Públicas de Promoção da Saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.18, n.2, p.346-354, 2009.

NASCIMENTO, J. V. *et al.* Formação acadêmica e intervenção pedagógica nos esportes. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 358-366, 2009.

OLIVEIRA, S. A. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001.

PALMA, A.; ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. Considerações teóricas acerca das questões relacionadas à promoção da saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Orgs.). **A saúde em debate na educação física**. Blumenau: Edibes, 2003. p.15-32.

PAYNE, L. Twenty-first century health promotion: the public health revolution meets the wellness revolution. **Health Promotion International**, v.18, n.4, p.275-278, 2003.

PILZER, P.Z. e KICKBUSH, I. **The wellness revolution: how to make a fortune in the next trillion-dollar industry**. New York: John Wiley and sons, 2002.

RAMOS, A. M.; NEVES, R. L. R. A Iniciação Esportiva e a Especialização Precoce à Luz da Teoria da Complexidade – Notas Introdutórias. **Pensar a Prática**, Goiás, v. 11, n. 1, p.1-8, 2008.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 600-610, 2009.

RODRIGUES, H. A.; DARIDO, S. C. A Técnica Esportiva em Aulas de Educação Física: um olhar sobre as tendências sócio-culturais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 137-154, 2008.

RUFINO, L. G.; DARIDO, S. C. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 283-300, 2012.

SADI, R.S. Temas da Pedagogia do Esporte, Educação Esportiva e Competições. **Conexões**, v.6, n.0, p.377-388, 2008.

SELAU, B. O comportamento lúdico infantil nas aulas de natação. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 13, p. 52-60, 2000.

SOUZA, M. S.; BACCIN, E. V. C. A técnica no ensino dos esportes: relações entre o campo de conhecimento das ciências sociais e naturais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 127-143, 2009.

VIANNA, J. A.; LOVISOLLO, H. Desvalorização da aprendizagem técnica na educação física: evidências críticas, **Motriz**, Rio Claro, v. 5, n. 4, p. 883-889, 2009.

WESTPHAL, M.F. Promoção da saúde e prevenção de doenças. In: CAMPOS, G.W.S. et al. (Orgs.). **Tratado de Saúde Coletiva**. 2.ed. rev.aumen. São Paulo: Hucitec, 2013. p.681-718.

LOTTI, Alessandro Demel e OLIVEIRA, Rogério Cruz. Pedagogia do esporte, promoção da saúde e educação física: revisão da literatura entre 1990 e 2012. **SALUSVITA**, Bauru, v. 35, n. 2, p. 279-298, 2016.